N.º 41 — ANO II

LISBOA, 10 DE OUTUBRO DE 1925

Numero avulso 30 centavos

O COMUNISTA

ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Redacção e Administração R. do Arco Marquês de Alegrete, 90 2.º — Composição e impressão TRAV. DA ÁGUA DE FLOR 36

Redactor principal: M. Ferreira Quartel — EDITOR: JOAQUIM RODRIGUES

Publicação quinzenal — PROPRIEDADE DO Grupo Editor do Comunista

EM VESPERAS DE ELEIÇÕES

Contradições e erros

Os anarco sindicalistas que pontificam na *A Batalha* e que com *A Batalha* pretendem educar e orientar as massas operarias, não só sob o ponto de vista profissional e economico, como social, habituando-as a conhecer os fenomenos politicos e a critica los, são de uma infelicidade a toda prova — o que é de lamentar — e de um ridiculo notavel: o que é ainda mais para lamentar...

Se se tiver a paciencia de compulsar varios numeros de *A Batalha*, ha de ver se, com frequencia, que os mesmos assuntos são tratados de forma diversa, com diversa orientação, com diverso objectivo, *contradizendo-se e destruindo-se uns aos outros esses artigos* — o que é ridiculo para quem tem a preocupação da coerencia levada a extremos doentios e o que é perigoso para quem, armando em omnisciente e pontifice maximo da *questão social* .., arque com o pesado fardo de *mentor espiritual* das massas operarias!...

A Batalha, em artigos recentes, tem manifestado os seus justos e naturais receios de maior predominio e mais asfixiante tirania das «forças-vivas», das forças-militares, das forças-eclesiasticas, em suma, de todas as forças reacionarias que têm interesse em esmagar e sugar o povo e em retardar a transformação social que está latente em toda a Europa.

A Batalha vê esses perigos, reconhece-os, sente que por vezes estão eminentes, nota que podem vir ou atravez de pronunciamentos militares ou do triunfo — que se prepara — dessas «forças» de reacção no proximo acto eleitoral. *A Batalha* pinta os inconvenientes gravissimos de um tal triunfo, de uma tal tirania, de um tal maior predominio dessas «forças». Pinta-o a vermelhão, bem nitido, deante das vistas aterradas das massas trabalhadoras. Diz-lhe que é necessario estar alerta perante esses manejos. Mas, — oh, triste e ridicula coisa para... *pontifices maximos... da questão social e mentores intelectuais das massas trabalhadoras!...* — não apontam os anarco-sindicalistas de *A Batalha* a essas massas operarias a que se dirigem (e que em vez de orientar, *desorientam*), qual a forma de dar combate a tais *forças de reacção* e de se evitar o seu maior predominio, a sua mais asfixiante tirania, a sua indecorosa impunidade e a sua insofrivel ancia de lucro. Ora bolas!

Depois, os anarco sindicalistas de *A Batalha* caem, frequentemente, em contradições, esquecendo o que aconselharam, escreveram e indicaram ontem, para hoje escreverem, indicarem e aconselharem precisamente o contrario! E, não há nada peor do que isto para quem tenha a preocupação de uma coerencia levada a exageros doentios e assim proceda sem justificação possivel. E nada mais pernicioso para quem se julgue o *verdadeiro mentor* de alguem, mormente de massas operarias a educar e a conduzir, pois que esse *alguem* ou essas *massas* ficarão fazendo uma desgraçada idea do *professor e do guia...*, com a mentalidade confusa e mal formada, espirito perturbado e vontade sem deliberação facil no meio do emaranhado e da contradição das opiniões manifestadas.

E' o que se vê, por exemplo, em materia eleitoral.

Os anarco-sindicalistas de *A Batalha* publicaram, sem quebra dos seus principios, da sua tactica e da sua coerencia — um interessante e sensato artigo sobre parlamentos, acção eleitoral e directriz e responsabilidade dos eleitores, artigo que aqui transcrevemos no mez passado. Esse artigo veiu publicado no suplemento de *A Batalha*, do dia 13 de Fevereiro do corrente ano, data em que todas as forças sociais da esquerda se congregaram e uniram para efectuar a formidavel manifestação que foi a Belem, junto do presidente da Republica, levar o seu protesto contra a baixa mentalidade e a sua repulsa pelo reaccionarismo de um parlamento que fizera cair um governo da Republica pelo seu presidente haver afirmado que era necessario governar ao lado dos explorados contra os exploradores «e que a força publica não existe para espingardear o povo.»

Pois nesse artigo, por nós transcrito, e da autoria dos anarco-sindicalistas que pontificam na *A Batalha*, mostrava-se que a responsabilidade da existencia de um parlamento assim pertencia ao eleitorado e aconselhava esse eleitorado a votar em gente limpa, em esquerdistas e avançados que dessem mais garantias de não hostilisar o povo e de, ao contrario, satisfazerem varias das suas justas aspirações.

— *Querem votar?* — perguntava *A Batalha*. — *Pois votem nesses!* — aconselhava.

Assim falavam às massas operarias, ha poucos meses, os anarco-sindicalistas de *A Batalha*, num momento de lucidez, de bom senso e de elevação espiritual.

Pois, agora, em vesperas de eleições; depois dos pronunciamentos militares que se deram; sob a ameaça de novas revoluções para estabelecimento de ditaduras ferozes; sob o perigo de um triunfo, *nas urnas*, dessas forças reaccionarias e criminosas; no momento em que contra tadas as leis estabelecidas e humanas se mantém *deportações sem julgamento* e se fala em novas deportações; quando todas essas forças reaccionarias espalham o seu oiro a rodos na obra da corrupção e todos os que combatem o acto eleitoral *tomam o aspecto de aliados ou cumplices dessas forças reaccionarias* e de assim colaborarem, pagos ou de graça, a soldo ou desinteressadamente, nessa miseravel obra do triunfo *das quadrilhas sinistras*: neste momento, grave e solene, que fazem os anarco-sindicalistas que pontificam na *A Batalha*?

Que faz *A Batalha*?

Manda à tabua a coerencia, calca aos pés o bom senso, ergue a cabeça com descaro, encolhe os ombros para o aspecto que possa ter a sua atitude, está-se marimbando para a desorientação em que lança as massas trabalhadoras, renta-se para a hipotese de se enforcar por suas proprias mãos — *ou dizer ela quem leve à força essas massas operarias* — e, pondo-se em manifesta contradição com o seu artigo de 13 de Fevereiro, hostilisa o acto eleitoral e pretende ridicularisar todos os partidos, incluindo o nosso, e todas as correntes politicas, mesmo as correntes da esquerda que procuram unir se para evitar o triunfo das forças reaccionarias!...

Ao proletariado

AOS CAMPONEZES, SOLDADOS E MARINHEIROS!

A decisão do Tribunal Militar que absolveu os implicados no golpe fascista de 18 de Abril não constituiu para nós uma surpreza. Pelo contrario, foi uma consequencia logica da forma como o julgamento vinha decorrendo, em que as instituições republicanas foram acre e impunemente atacadas, sem que da parte da opinião publica houvesse a natural reacção.

As direitas, é inutil negá-lo, acabam de obter um grande triunfo politico, justificado pela atribularia obra administrativa republicana, assegurado ainda pela dispersão e incapacidade manifesta das esquerdas e pela indiferença do publico.

Umas dezenas de oficiais do exercito arrastam consigo os soldados, sujeitam a cidade a um bombardeamento e tiroteio de que resulta uma centena de mortos e feridos, são apanhados com as armas na mão, confessam perante os julgadores o seu delito e o Tribunal absolve-os **por falta de provas.**

Não ha, evidentemente, melhor manifestação da solidariedade de classes. O exercito estava a julgar o exercito, e logicamente não podia condenar se a si proprio. Nada prova melhor o inconveniente de o exercito constituir uma classe á parte. A republica — e é este um dos seus grandes erros — não soube democratisar o exercito, torná lo popular, integrado nas aspirações da massa liberal, do verdadeiro povo, que em todas as emergencias tem sabido defender com sacrificio proprio as liberdades tradicionais. ¿E como poderia faze lo esta republica de opereta, que tem levado ao fastigio do poder as nulidades, quando não os videirinhos, que em vez de exercitar a democracia, rompe umas vezes em arrancos demagogicos contra a Direita e doutras em actos arbitrarios contra a Esquerda?

Sem duvida, a decisão do Tribunal Militar que sancionou e aplaudiu o golpe fascista, é uma ameaça para as esquerdas politicas e sociais, é um estimulo para novos assaltos violentos ao poder da parte das direitas, em que englobamos não só uma parte da oficialidade do exercito e da marinha, as *forças vivas*, os monarquicos, os nacionalistas, mas tambem os *bonzos* democraticos, que pretendem antes entregar isto aos elementos reaccionarios do que evoluir à esquerda.

O perigo é evidente, e contra ele é urgente tomar posição para contrabatê-lo.

O P. C. P. juntará os seus esforços aos de outros agrupamentos afins para inutilisar a acção dos grupos acima mencionados. Mas o P. C. P. não vai ás cegas; quer saber como vai, com quem vai e para onde vai.

¿Actuaremos em nome da defeza da democracia? ¡Pobre democracia tão mutilada por aqueles que se apelidam de democratas! ¿Pois não teem sido estes mesmos democratas que hão feito as maiores tropelias contra as liberdades publicas, suprimindo de facto as liberdades de imprensa e de reunião, fazendo prisões arbitrarias e conservando os detidos sem culpa formada durante mezes, realizando deportações sem julgamento previo, etc., etc.? O povo, as massas laboriosas não compreenderão que lhes falemos em nome de principios que elas estão habituadas a ouvir pregoar para logo serem calcadas pelos pregoeiros. Impõe se uma linguagem clara. Sem duvida, todos preferimos o exercicio da democracia, mesmo burgueza, ao de uma ditadura militar, escudada nos agrupamentos da direita e nos magnates da Finança, do Comercio, da Industria e da Agricultura. Simplesmente, a democracia é incompativel com as situações anormais, com as situações revolucionarias, e tal é a situação portugueza

O principio pelo qual francamente devemos lutar é o da defesa das camadas populares, guindadas ao dominio da situação, cerceando previlegios e favores de longa data estabelecidos que entravam o desafogo economico do país. As soluções ao problema nacional, caracterisado por uma notavel deficiencia dos recursos financeiros e por uma crise profunda, industrial e agricola, que tem reduzido sensivelmente a produção, não os podem dar as direitas, constituidas pelas classes que usufruem os previlegios, que sobrepõem os seus interesses particulares aos interesses colectivos.

Os exemplos de Italia e de Hespanha são tipicos. A valorisação da moeda nacional é sempre o melhor espelho donde se pode inferir o estado de progresso ou de regresso das formulas governativas. Pois bem: este indicador supremo condena a supremacia das direitas na Italia e na Hespanha, pois a lira e a peseta teem visto reduzir se o seu poder de compra.

O P. C. P. julga do dever de todos os agrupamentos da esquerda enfrentar corajosamente o perigo e levar a luta até ás suas ultimas consequencias e lembra as seguintes condições previas a estabelecer, sem a aceitação dos quais lhe parece inutil qualquer esforço:

1.º — O programa de acção a desenvolver deve ser ampla e publicamente difundido, de modo a compenetrar da necessidade da sua execução e a mobilisar em manifestações de força as mais profundas e extensas camadas populares.

2.º — Os nomes dos elementos dirigentes do movimento devem oferecer, além de competencia comprovada, uma idoneidade moral inatacavel.

3.º — O movimento popular das esquerdas terá os seguintes objectivos:

Solução politico-social

a) Todo o poder dimanará fundamentalmentalmente das juntas de freguesia para as quais só poderão ser eleitos os assalariados de qualquer profissão que não exerçam a exploração do trabalho alheio, os delegados de corporações tecnicas, cientificas e artisticas, e das unidades militares de terra e mar, os pequenos proprietarios de terras que as trabalham e os rendeiros agricolas. Das juntas de freguesia derivam, por eleição em segundo grau, as camaras municipais, e destas o Congresso Nacional, funcionando numa só Camara.

b) Todos os assalariados de qualquer profissão serão intruidos militarmente e conservarão as armas em seu poder. Os cadastrados serão excluidos desta regalia. Os assalariados que revelem aptidões para o comando terão preferencia para a composição dos quadros depois de sujeitos a cursos especiais.

c) Devem criar-se organismos locais populares de combate ao analfabetismo que com o patrocinio financeiro do Estado, e os donativos voluntarios dos particulares, criem as condições praticas para o ensino obrigatorio, facilitando vestuario, calçado, material escolar, assistencia medica e farmaceutica ás creanças necessitadas.

Crear-se hão cursos de ensino intensivo para os maiores de 18 a 30 anos. A escola deve ser remodelada no sentido de estabelecer o paralelismo do ensino literario e profissional, de modo a desenvolver no individuo as melhores aptidões para o trabalho.

d) Estabelecimento de vencimento e salario minimos fixados em funcção do preço das mercadorias ou do agio do ouro, para os operarios de qualquer profissão ou empregados civis ou militares.

Solução financeira

a) Confiscação de 30 por cento das fortunas particulares superiores a 200 contos

b) Participação do Estado em todas as empresas particulares que tenham um capital social superior a 100 contos.

c) Organização em trustes nacionais das industrias: bancaria, do seguro, da moagem, dos tabacos, dos fosforos, dos caminhos de ferro e transportes maritimos de longo curso, com participação na gerencia, em proporção igual, do capital, do pessoal e do Estado.

d) Organização do comercio externo em carteis de especialidades com participação na gerencia do capital, do pessoal e do Estado.

e) Extinção do direito de herança nos ramos colaterais e sua reversão a favor do Estado.

Solução económica

a) Nacionalisação da propriedade latifundiaria e da dos absenteistas, sua distribuição a titulo usufrutuario por familias de camponeses e cooperativas agricolas de produção, tendendo a transformar a cultura extensiva em intensiva.

b) Emprego das disponibilidades da Caixa Geral dos Depositos na organização do credito agricola e industrial em bases amplas e de facilidade para os pequenos e medios agricultores e industriais.

c) Difusão do ensino movel e agricola, assistencia tecnica pela creação de postos concelhios agrarios e

EM VESPERAS DE ELEIÇÕES

Contradições e erros

«O Comunista»

Vende se na tabacaria do Brasileiro do Rocio, e no kiosque Sanches, praça dos Restauradores.